

OS SENTIDOS

2ª feira: 24/Março/2003

Bom dia ouvinte do Caderno Manhã da Rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Neste exato momento, você está ouvindo enquanto eu falo e pra isso está usando um dos sentidos, a audição. Ao mesmo tempo, talvez você esteja sentindo o cheiro do feijão na panela, talvez esteja escrevendo e sentindo a caneta na mão, a textura do papel, ou pode ser que esteja olhando pro rádio, procurando o 800 pra sintonizar melhor. E pode estar tomando um cafezinho e saboreando. A gente fala sobre os sentidos, audição, visão, olfato, tato e paladar, mas nem se dá conta da importância enorme que têm e de como eles estão presentes o tempo todo na nossa vida. Pode ser que quando você sente o cheiro do feijão, você lembre dos domingos da infância, na casa da avó...Porque a memória não é composta só de fatos, é também de sensações. E a gente tem um monte delas arquivadas nessa espécie de memória, que a gente junta desde o início da existência.

Vamos pensar um pouco sobre isso.

Um bebê dentro da barriga da mãe percebe vagamente alterações na luz, no ritmo e no ruído do mundo. Aí ele nasce e é uma explosão de cor, som e movimento. O ar entra pelas narinas e o peito abre e fecha, trazendo junto o cheiro. Dá pra imaginar o susto enorme. O calor da pele da mãe dá uma acalmada porque lembra o calor lá de dentro do útero.

Quando o bebê sente o leite na sua boca, sente a barriga cheia, e junto o colo confortável, ele se acalma. A mãe conversa com ele enquanto amamenta, e a voz é como uma música que embala. Aí o bebê fecha os olhos e de vez em quando abre um pouquinho, olha pro rosto sorridente da mãe e parece que está conferindo se ela ainda está ali. Às vezes, ele adormece e escuta um ritmo que ele já conhecia de antes, um ba-ti-cum compassado, que é o tal do coração de mãe. Ele não tem essas palavras pra nada disso, mas sente tudo. E já conversa com a mãe, porque quando ela fala com ele sorrindo, ele imita o sorriso dela, e aí ela fala mais e sorri mais, e o sorriso do bebê também brilha mais ainda.

O bebê não fixa o olhar nas coisas, mas percebe as imagens. Quando no colo do pai passa em frente à janela que dá pra uma mata, percebe uma luz forte que ondula naquela massa verde que ele não sabe o que é, mas que parece contrair e expandir junto com a respiração dele. No colo do pai, ele sente um cheiro diferente daquele cheiro da mãe. E a pele e o jeito de segurar também são diferentes. É através dos sentidos que ele percebe a diferença.

É um mundo bonito pro bebê, mas às vezes ele ouve gritos que assustam. Às vezes ele sorri e a mãe não percebe, ela está longe, distraída. Aí ele estica a mãozinha pro alto, tenta pegar no rosto dela e não consegue. Aí pára de mamar, a mãe coloca pra dormir. Mas o bebê não está com sono. O mundo é meio estranho, sem sentido, às vezes não é muito agradável...Mais tarde, o bebê começa a ter as palavras, que vão dando um sentido a essas vivências sensoriais.

A troca de sorrisos entre o bebê e a mãe pode ser o primeiro ato de comunicação humana, e que se dá a partir do olhar. A aparição do rosto da mãe talvez seja o quadro mais bonito que vimos na vida. Outras vezes, pode ser assustador, quando some, ou está zangado, ou é muito misterioso. A mesma coisa acontece com a voz da mãe e as canções de ninar.

Se essa experiência antiga foi boa, mesmo com alguns sustos e decepções, é natural que a gente queira reviver esses momentos que são quase de "êxtase". E a gente consegue um pouco através do contato com obras de arte, música, cinema, contemplação da natureza, gastronomia, através do encontro erótico.

No meio de tantas dificuldades na vida, é bom quando a gente consegue buscar esses prazeres que são como "banquetes da vida", e lembram um pouco aqueles banquetes mágicos do bebê.

Um bom dia pra você ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar, do Caderno Manhã da rádio MEC. Se você quiser fazer alguma pergunta, ligue pra 2252-8413, Central de atendimento da rádio MEC.

3ª feira: 25/ Março/ 2003

Bom dia ouvinte do Caderno Manhã da Rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Tem um escritor francês chamado Marcel Proust que escreveu um romance, "Em Busca do Tempo Perdido", onde ele esmiuçou toda a memória da sua vida desde a infância a partir simplesmente do aroma de um pequeno bolo chamado "madeleine".

Quantas vezes um cheiro, um sabor qualquer, faz a gente viajar pro passado? Uma certa palavra dita de determinada maneira, a visão de uma goiabeira...E sentimos de novo a sensação de trepar em arvora e comer goiaba no pé, e ouvir a mãe chamando...

Imagine quantas vezes exercemos nossos sentidos ao longo da vida. Quantas imagens, sons, cheiros, sabores, percepções diferentes ou repetidas nós captamos. Sem perceber, nós vamos filtrando o tempo todo essas percepções, de modo que nem todas se tornarão sensações ou ficarão registradas na memória.

Nós conservamos muitos registros, algumas pessoas mais, outros menos. E cada um lida com esses registros do seu jeito. Tem gente que guarda a lembrança das maravilhosas comidas que a tia preparava na infância e isso não impede de experimentar uma comida diferente, e até gostar. Tem outras pessoas que ficam mais fixadas nas referências antigas e é como se só pudessem ficar repetindo aquilo que está nos registros da memória. Sempre os mesmos sabores antigos...Algumas pessoas têm uma incapacidade pra aprender novos idiomas e não têm nenhum problema de capacidade intelectual. Pode ser que a linguagem esteja tão fixada à relação inicial com a mãe que não conseguem sair pra uma nova língua.

Mas de certa maneira nós podemos influenciar essa capacidade de usar os sentidos. Em relação às crianças, por exemplo, nós podemos oferecer uma "educação dos sentidos" mais cuidadosa. É questão de prestar atenção aos estímulos que estamos fornecendo às crianças, à qualidade dos estímulos.

Músicas de Xuxas e Baba babies, dança de garrafa, esses "animadores infantis" com microfones aos berros em festinhas, "overdose" de decoração, overdose de balas, coca-colas, hambúrgueres...Criança não nasce adorando tudo isso. A sensibilidade para as artes, o gosto pela comida saudável, o prazer com a natureza, tudo isso pode se desenvolver com uma educação mais cuidadosa dos sentidos. Também o prazer de novas descobertas e, junto, a sensibilidade pra própria vida e pros relacionamentos humanos.

É natural que a gente se apegue às coisas que nos evocam lembranças agradáveis ou sensação de conforto. Mas é preciso também estar aberto pra novas percepções pra não empobrecermos nossos horizontes.

Um bom dia pra você ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar, do Caderno Manhã da rádio MEC. Se você quiser fazer alguma pergunta, ligue pra 2252-8413, Central de atendimento da rádio MEC.

4ª feira: 26/ Março/ 2003

Bom dia ouvinte do Caderno Manhã da Rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Tenho uma amiga que gosta muito de dormir à tardinha, com barulho de britadeira ao longe, na rua. É estranho né? Mas o que ela diz é que o barulho que pra gente é o horror, pra ela é como um som hipnótico, agradável. Ela desconfia que seja a mesma música que ela ouvia quando era bem pequena e moravam junto de uma obra. Tem muita gente que só consegue dormir com o som da televisão ligada que aí fica parecendo uma canção de ninar.

Durante a vida toda as sensações que experimentamos na infância vão influenciar a vida da gente. Muitas vezes ajudando a lidar com determinadas situações, como nesse exemplo, lidar com a insônia usando a televisão. Outras vezes, a memória das sensações atrapalha, principalmente as desagradáveis. Uma pessoa que se afogou na banheira na infância, pode ficar com essa terrível sensação registrada de um jeito tal que não quer experimentar o mar.

Não se percebe a influência enorme dessa memória sensorial. Mas veja só:

Sabemos que um bebê precisa tanto de conforto que quando o conforto este não vem ele imagina que está tendo algo que deseja e que precisa, e que na verdade não está tendo, mas ele fica ali naquela ilusão por um tempo, com a chupeta, os dedinhos...Nós todos continuamos atrás desse conforto e bem-estar na nossa vida adulta. As pessoas mais imaturas emocionalmente chegam a buscar de uma forma drástica, entorpecendo os sentidos de uma maneira imediata, nas drogas, álcool, compulsão sexual, etc.

Quando ficamos doentes, ou estamos mais frágeis, quando ficamos idosos, e estamos mais perto da morte, ficamos mais dependentes e naturalmente isso acentua nossas carências. E tantas pessoas ficam idosas e doentes sozinhas. A realidade em volta parece tão fria e seca. E a morte parece tão perto. E tantas vezes está mesmo. E aí como é bom poder fazer um pouco como fazíamos quando éramos bebês. Imaginar que o conforto está ali, com a gente, lembrar de passeios com pessoas queridas, de brincadeiras divertidas, lembrar de prazeres, sensações gostosas, imaginar que alguém está sorrindo, cuidando e protegendo como a mãe fazia.

Pense nisso, ouvinte, e até amanhã com o quadro Escutar e pensar, do Caderno Manhã da rádio MEC. Se você quiser fazer alguma pergunta, ligue pra 2252-8413, Central de atendimento da rádio MEC.



[Programa de Rádio](#)
["Escutar e Pensar"](#)